

Sobrou o riso *divida externa*

O ministro da Fazenda, Bresser Pereira, parodiando o dito popular, perdeu boa oportunidade para não dar risada ou fazer comentários comprometedores. Bresser não errou apenas ao afirmar publicamente que deu — isto é, foi obrigado a dar — “uma recuada” na negociação da dívida externa, depois de ouvir os argumentos do secretário do Tesouro americano, James Baker. A primeira falha do ministro foi acorrer apressadamente a Washington tão logo recebeu o chamado do secretário Baker. Um ato não de subserviência, mas de pronto atendimento que não passou despercebido a algumas lideranças do PMDB. Isso pelo menos o Funaro não faria. Ele conseguiu impor nova e respeitosa forma de relacionamento com os credores, como observou um parlamentar mineiro membro da comissão da dívida externa do partido.

Houve erro também na forma como Bresser expôs seu plano, que, de resto, conta com o apoio da maioria do PMDB, em relação especificamente à proposta apresentada a Baker. Se o secretário do Tesouro não gostou, não caberia ao ministro da Fazenda revelar o detalhe. Deixaria a proposta com o alerta de que o Brasil se dispunha a manter a moratória, na esperança de que Baker pudesse vir a estudar com mais boa vontade a posição brasileira. No entanto, o ministro brasileiro acabou sendo o porta-voz da negativa de sua própria proposta, fato jamais acontecido em episódios anteriores.

A assessoria do ministro da Fazenda procura retirar lições válidas do episódio, mesmo sem acreditar que ele possa vir a se repetir, pelo ineditismo. Terá havido equívocos também da assessoria ministerial, inclusive daquela ligada à área internacional, que deveria ter prevenido Bresser sobre a forma mais apropriada de negociar com o interlocutor americano. Tais assesso-

res, na avaliação de parlamentares do PMDB, muitas vezes assumem atitudes mais intransigentes do que o ministro. O episódio não deverá colocar em risco o cargo do ministro, pois, no entender do presidente Sarney, as negociações não devem ser rompidas, embora breves interrupções possam ser consideradas naturais.

As relações do ministro da Fazenda com seu partido de adoção, e não de convicção, o PMDB, também não são muito boas. Neste caso, todavia, ninguém anunciou ainda um recuo. O fato é que, pouco antes da viagem, Bresser Pereira manteve contatos com os líderes Mário Covas e Fernando Henrique Cardoso. Os três não chegaram a entendimentos claros sobre a estratégia do governo para negociar a dívida externa com os credores americanos e o secretário James Baker. O partido afirma oficialmente que o ministro conta com o apoio da maioria de seus integrantes, embora o deputado Pimenta da Veiga faça questão de destacar que, na atualidade, em absoluta mente nenhuma questão se pode esperar unanimidade ou um mínimo de consenso do PMDB.

O senador Mário Covas está, no entanto, convencido de que o presidente José Sarney foi o responsável pelo fracasso das negociações, antecipando-se à conversa que o ministro Bresser Pereira teria com James Baker com o anúncio do teor da proposta brasileira. Com isso, o senador paulista acredita que o ministro da Fazenda já viu seu derrota para os Estados Unidos, o que ele imagina não aconteceria se os termos da fórmula para equacionar a questão da dívida externa tivessem sido previamente discutidos na Aliança Democrática. Fortalecido pelo apoio político, o ministro Bresser Pereira teria talvez maiores condições de defrontar-se com o secretário do Tesouro norte-americano.